

O “código de civilidade”

Kaxúyana

Muita gente tem o índio em conta de “selvagem” (1). Mas êle é “selvagem” sòmente quanto ao seu *habitat*: as selvas tropicais. Seria grande injustiça considerá-lo um semi-animal, sem modos ou maneiras. Engana-se, redondamente, quem pensa que o índio não tenha também o seu “código de civilidade”. É certo que, em muitas coisas, os seus pontos-de-vista diferem dos nossos. São influenciados ou até ditados pelas circunstâncias, pelo meio em que vivem e pela experiência de seus antepassados. Mas os seus costumes e hábitos não deixam de ser para êle o que para nós são as “boas maneiras”. E da mesma forma entre êles é considerado um “bruto que não se sabe comportar” ou “que não sabe tratar gente” aquêle que não observa êstes preceitos de civilidade.

Estando entre os índios como forasteiro, êles compreendem perfeitamente que nós, os “karaiwa”, temos outros costumes e outras maneiras. E sabendo da ignorância quanto aos seus próprios modos, êles não levam a mal certas faltas involuntariamente cometidas contra o seu código de boas maneiras. Já no correr dos primeiros dias da nossa estadia entre êles, percebemos que, várias vêzes, tí-

nhamos errado em nosso comportamento. Perguntamos, então, diretamente, como devíamos fazer ou dizer isso ou aquilo. Dissemos que queríamos aprender a viver a vida deles e, não o sabendo, deviam ensinar-nos: o que também fizeram com muito gosto. Encontramos bons mestres nêles. Os homens tomaram interesse em fazer-nos um deles. As coisas desenvolveram-se de uma forma que recebemos verdadeiras "aulas de civilidade", especialmente à noite, na casa dos homens. Justamente por êste meio conhecemos muitas particularidades da sua vida e de seus costumes que, em outras ocasiões, teriam passado quase despercebidos. Aliás, esta comunicação de idéias teve por consequência, da nossa parte, um melhor entrosamento na sua vida e um aprofundamento de confiança, da parte deles, de forma que, em nossa última estadia entre êles, acharam conveniente incorporar-nos em sua comunidade.

Êste código de boas maneiras, embora não escrito e impresso, mas tanto mais gravado no coração pela constante tradição, é de uma certa complexidade. Ou melhor: é múltiplo em seus assuntos. Deixando de lado certos costumes limítrofes como por exemplo de higiene, de caça e pesca, de sinais e avisos de viagem⁽²⁾, etc., que talvez possam ser tratados em outro lugar, concentraremos aqui a nossa atenção sôbre os seguintes setores:

- I. A linguagem.
- II. Cumprimentos, recepções e visitas.
- III. O cerimonial das refeições.
- IV. Costumes de convivência.

I. A LINGUAGEM

Dentro da lingua kaxúyana devem-se distinguir 4 formas de linguagem:

1) *A comum ou ordinária*. — Ela é, como o nome indica, o modo de falar na vida diária, sendo, por isso, para os estudos lingüísticos, a parte mais importante.

2) *A linguagem "liúrgica" ou religiosa*. — É usada quase exclusivamente nas invocações, conjuramentos e desconjuramentos, cantigas de festa e cerimônias religiosas, em formas e fórmulas mais ou menos fixas. Ela se compõe, na maior parte de seus termos, de expressões e palavras arcaicas. Os próprios índios têm dificuldade em compreendê-la. Em parte até já se perdeu o sentido de certas expressões e êles "calculam" que signifique isso ou aquilo. Juntamente com a "linguagem musical" das flautas sagradas, ela parece ser a célebre "linguagem secreta dos homens", da qual também os índios várias vezes falaram.

O 3.º e o 4.º grupo são o “estilo elevado” e o “baixo calão”. Estas duas formas são as que mais nos interessam no assunto das boas maneiras.

3) *O estilo elevado ou a linguagem educada.* — Ela diferencia-se da linguagem comum por dois momentos: pela altura de voz e pelo sotaque meio *staccato*, como também pela expressão estilística.

Enquanto a linguagem comum é falada em altura natural de voz, a forma elevada é pronunciada num quase recitativo, no qual a voz é suspensa de meio a um tom e conservada nesta altura com relativa constância. A linguagem torna-se, assim, meio cantada. Naturalmente, também ela obedece a pequenas vacilações, conforme a expressão dos que conversam: admiração, dúvida, afirmação, etc. Mas o nível ou a base dêste modo de falar fica sempre o mesmo, um pouco mais elevado. E as variações dão-se dentro desta escala.

O segundo momento característico é o estilo. Empregam-se aí formas e expressões pouco ou nunca usadas na linguagem comum. Uma conversação comum neste estilo de linguagem tornar-se-ia esquisita ou até ridícula, seja por ser educada demais, seja por ser muito formal ou oficial. Quer-nos parecer que êste estilo também é influenciado por formas arcaicas, datando do tempo antes das mudanças fonéticas. Os exemplos-coletas, infelizmente, perderam-se com outras notas num acidente de viagem. Restou somente um. Naquela ocasião, falaram da astúcia dos índios pianakotó do Rio Erepecuru. Disseram: “Pianokwató ingenhera” — Pianokotó não dorme, quer dizer, sempre está alerta. Na linguagem comum se diria: “Pianokotó inékpera!” As duas formas: *ingehera* e *inékpera* (*inégpera*) são o mesmo termo com a diferença da mudança de /h/ para /p/ e a supressão diferente de vogais. A primeira forma é antiga; a segunda em uso.

Êste modo de falar é o estilo das formalidades, o estilo burocrático e diplomático. É empregado nas seguintes ocasiões:

a) quando se trata de cumprimentos oficiais, seja que se recebam visitas, seja que se responda como visitante, especialmente quando um dos dois é de categoria mais alta, por exemplo, um chefe de grupo, etc.

b) quando se fala oficialmente com o chefe do grupo ou da aldeia ou com outros mais velhos;

c) nas reuniões que, de vez em quando, fazem para tomar decisões em prol da comunidade, uma espécie de conselho grupal;

d) em negociações, quando se trata de entrar em acordos: casamentos, divórcios ou outros assuntos importantes;

e) como “linguagem jurídica”, pelo chefe do grupo ou seu substituto mais velho, para liquidar contendas ou desentendimentos entre si ou com forasteiros.

Como se vê, ela é empregada exclusivamente em assuntos que dizem respeito à vida pública e à vida dos homens. De fato, somente para o homem ela é importante, porque a mulher não exerce papel formal na vida pública do grupo, embora seja ela que, secretamente, tudo dirige. Desde cedo, o menino se exercita nessa linguagem. Senta-se perto dos homens e escuta para aprendê-la. E não entendendo ou compreendendo o sentido, os mais velhos, depois, lho explicam e ensinam. A aquisição da linguagem educada, de estilo mais elevado, pertence portanto, também e principalmente, ao campo da educação da juventude masculina.

4) *O baixo calão*. — Como em todas as línguas, também na dos kaxúyana existe um catálogo de palavras e termos de linguagem baixa, tipo “palavrão”. Em parte, são termos realmente obscenos. Este baixo calão nunca é usado na vida diária, normal. Ouvem-se tais expressões somente em momentos de raiva cega, no estado de embriaguez ou quando dois indivíduos se contam piadas. Diante das mulheres, crianças e na vida da comunidade, como já referimos, nunca são empregados.

Estas palavras, muitas vezes, são sinônimos ou apelidos pejorativos, dados aos animais e, na ocasião, aplicados a certas pessoas. Alguns exemplos:

wutsógnoyúmu é um apelido obsceno para o gavião. Significa literalmente “pai do coito”. Diz-se esta expressão para um homem que só anda atrás de mulheres ou que não pode enxergar mulher sem querer possuí-la. O equivalente em nossa língua, embora em termos mais brandos, seria “mulherengo”.

enámuká é outro desta espécie, com o mesmo sentido supra, um apelido dado ao tamacuaré. Ignoramos o significado exato do termo (que parece ser “costa da glândula” talvez em analogia à forma de cabeça desse lagarto). Os índios traduziram-no, porém, como “mete-pica”, isto é, um indivíduo que só pensa em copular.

monê-yohiho é o pejorativo do jacu, significando “pentelho” ou, segundo a tradução kaxúyana, refletindo o sentido exato: “pentelho de boceta”. O elemento de comparação e analogia é o topete do jacu. Como termo de xingamento é aplicado às mulheres, desleixadas na depilação das partes pudendas, o que, na mentalidade indígena, constitui falta grave contra os seus preceitos de higiene corporal⁽³⁾.

ore-yatxmukáne, sinônimo indecente para o peixe tucunaré, é um dos apelidos ou xingamentos mais pesados que se possam dizer para uma mulher. Significa, em tradução kaxúyana, “sebo de boceta”. Comentam os índios que o tucunaré possui um pitiu igual a essa secreção feminina. Em aplicação, este termo indígena quer dizer “mulher de partes catíguas” ou “mulher catíguando feio”, indicando uma falta absoluta de higiene íntima.

Outras palavras mais benignas para o nosso ouvido, mas por isso não menos pesadas e ofensivas para o do indígena, são:

negme-imó, literalmente “muito ruim”, mas com o sentido de “safadão”. Da mesma forma: *negme-rihi*, isto é “ruim mesmo, realmente mau”, etc., significa semelhantemente “danado, safado”. Ambos os termos, os índios traduzem, as mais das vezes, com o clássico e popular: “Filho da puta” ou “Putá que pariu”.

É desnecessário ressaltar que, estando entre eles, não convém, absolutamente, usar estas expressões, nem as respectivas traduções portuguesas. Notamos com satisfação que também eles, em grande parte, aquilatam o valor da pessoa pela sua linguagem.

II. CUMPRIMENTOS, RECEPÇÕES E VISITAS

O índio é um homem bastante educado, mesmo em nossos conceitos. De manhã, de tarde ou à noite, na chegada ou saída, na recepção de visitas e nas despedidas, êle tem o seu regulamento, seu modo próprio de dizer as respectivas saudações. As mais importantes queremos aqui relatar tais quais as observamos e aprendemos com nossos mestres indígenas.

Êstes cumprimentos são fórmulas mais ou menos fixas com uma estrutura discriminada. Incluem sempre três, respectivamente quatro elementos:

a) a chamada da pessoa, não pelo nome e sim pelo seu grau de parentesco ou cargo e posição social que ocupa. A chamada corresponde a resposta de atenção;

b) a pergunta sôbre a chegada ou, respectivamente, o aviso da partida, ao qual corresponde a afirmativa ou o assentimento;

c) nos cumprimentos diários ainda: a saudação da hora, à qual corresponde o agradecimento;

d) a conclusão, constituída por um demorado “hm”, sinal de estar terminada a saudação ou uma eventual conversação que aqui se intercalou; conclusão essa respondida com o mesmo sinal pelo parceiro.

Podem-se distinguir três grupos de regulamentos para o assunto em foco:

- 1) as saudações do tempo;
- 2) os cumprimentos de recepção e despedida;
- 3) normas gerais para a conduta das visitas.

1) AS SAUDAÇÕES DO TEMPO

De manhã e à noite, o índio faz a sua saudação do tempo. Mas, entre as duas existe uma certa diferença, não só nas palavras, como por parte das pessoas.

De manhã, o chefe do grupo (ptaitóno) ou, na ausência dêste, o seu substituto, e só êle recebe o “*onmekonê*”, o “bom dia”. To-

dos, um por um, cumprimentam-no e só êle responde. Os outros entre si não se cumprimentam. Caso êle tenha ido dormir fora do grupo dos homens, por exemplo, na casa das mulheres, diz-se a fórmula extensa ou inteira e êle é cumprimentado como um recém-chegado.

	Trad. lit.:	Trad. livre:
amoró!	Tu!	Tu! (Fulano!)
ê!	Sim!	Hein, sim!
mohinka?	Chegaste?	Já chegaste? Já acordaste?
ahá!	Sim!	Sim! Já!
onmekonê!	Já (estamos) bom dia!	Bom dia!
wuí!	Está certo! Está bem!	Obrigado!

Tendo, porém, dormido na Casa dos Homens, omite-se a intercalação *mohinka?*... Chegaste?, pois não daria bom sentido.

A noite dá-se o contrário. Quem dá o "boa noite" é o dono da casa, o chefe do grupo ou seu substituto. Um por um, todos recebem a saudação. Indo dormir fora da casa dos homens, intercala-se o aviso: *witádze!*... Já vou!, embora não seja sempre necessário.

	Trad. lit.:	Trad. livre:
amoró! waihnupó!	Tu! Meu irmão mais velho!	Ó, meu irmão!
ê!?	Eh!?	Sim!?
witádze!	Eu vou!	Já vou (dormir)!
ahá!	Sim!	Sim!
okokmambonê!	A noite já está chegando (?)	Boa noite!
wuí!	Certo! Está bem!	Obrigado!

Este "boa noite" não é, porém, sinal de que vai dormir imediatamente. Muitas vêzes a conversa ainda continua durante bom tempo. Depois da saída do chefe do grupo, o mais velho da turma do *toto-kwámáne*, a Casa dos Homens, repete todo aquêlê cerimonia. Mas êste último caso, a repetição da saudação noturna, não observamos regularmente. Cremos, por isso, que não é rigorosamente "de estilo" e depende das circunstâncias, vontade e disposição.

De uma forma semelhante é cumprimentado o *piádzé*, o pajé da tribo, quando, depois de uma noite de "serviço" ou "função", sai da *txirhaná*, da pequena choupana de palha, onde falou com os espíritos. É crença que êle nesta ocasião sobe ao céu e que, de manhã, êle desce ou "cai" do céu. A isso se refere a expressão do cumprimento:

<i>piádzé!</i>	Ó pajé!
ê!?	Hein!?
<i>mehúrgane?</i>	Sim!?
aha!	Já caíste (do céu)?
<i>onmekonê!</i>	Já! Sim!
wuí!	Bom dia!
	Obrigado!

2) OS CUMPRIMENTOS DE RECEPÇÃO E DESPEDIDA

Cumprimentam-se não somente as visitas que vêm ou saem, mas também o próprio pessoal da maloca, sempre que se ausentaram por algum tempo, mesmo só por horas, voltando da caça, pesca, etc.

Estas saudações são semelhantes aos cumprimentos já citados. A diferença existe na última frase, que contém um convite para se sentar e descansar. Por exemplo:

	Trad. lit.:	Trad. livre:
waihnutpó!	Irmão mais velho!	Meu irmão!
ê!	Eh!	Sim! Hein!?
maháwe?	Chegaste?	Chegaste?
ahá!	Sim!	Já, sim!
muyero!	Lá está (um banco, etc.)	Senta. Descansa!
wuí!	Certo! Está bem!	Obrigado!

Se já faz algum tempo que a pessoa chegou, emenda-se a última frase, dizendo: *muyero onmetógo!*... Senta mais um pouco, descansa ainda!

Caso se queira ou deva fazer, por motivos forçosos ou urgentes, uma saudação geral, pode-se dizer o cumprimento no plural:

	Tradução:
mahtxúwe!	Chegastes!?
aha!	Sim, já!
muyero!	Lá está (o banco)! Senta!
wuí!	Está bem! Obrigado!

Em tôdas estas fórmulas de cumprimento, *muye-ró*, literalmente: "lá está!", deve subentender-se: um banco, a rêde, qualquer assento ou a própria casa para descansar. É o equivalente ao nosso: "A casa é sua!". E, em seguida, passa-se à conversação de estilo sôbre os incidentes de viagem, acontecimentos do dia, o clássico "bom tempo" e outras novidades.

Chegando visita, é cumprimentada, uma por uma, por todos individualmente. Seria, porém, contra o bom tom cumprimentá-la logo, imediatamente depois da sua chegada. Muitas vêzes, voltando da caça, por exemplo, as circunstâncias não permitem tomar banho antes de entrar no terreiro. Por isso deixa-se passar algum tempo para se aprontar e alinhar. Após isso, quando a pessoa está pronta, o recém-chegado arma a sua rêde, senta-se e descansa. Exteriormente, ninguém se incomoda com êle e vice-versa. Finge-se ignorar a presença mútua. Passados "os cinco minutos de estilo", por via-de-regra, o chefe ou o mais velho entre os presentes começa com as saudações.

Em geral, estas recepções de estilo parecem bastante frias. O forasteiro (civilizado), até se acostumar com as maneiras dêste povo,

tem a impressão de não estar sendo bem recebido ou bem visto no meio deles. Passadas, porém, as formalidades, o tom e o tratamento mudam muito e os índios tornam-se bastante cordiais.

Acabado o cumprimento pelos homens, as mulheres vêm também saudar os recém-chegados. Mas a saudação das mulheres é muito mais curta. Quase sempre omite-se a conversação de estilo no cumprimento das mulheres. Mais tarde conversa-se com elas, informalmente.

É de estilo, também, oferecer aos recém-chegados ao menos um refrêscio, uma bebida, vinho de frutas de palmeira ou coisa semelhante. Se a hora é própria, dá-se uma merenda: frutas, beiju ou cará. Esta merenda é oferecida logo depois do cumprimento das mulheres e, às vezes, elas já trazem o refrêscio na mesma ocasião de seu cumprimento. Uma das razões por que se prolonga um tanto o cumprimento e a conversação oficial dos homens é justamente para dar às mulheres o tempo suficiente de preparar a bebida ou a merenda.

Bastante frio parece também o primeiro encontro entre marido e mulher. Quando o homem volta à maloca depois de uma ausência de dias, a mulher cumprimenta-o quase como a um estranho. Ambos fingem como que não se vissem ou como se ali não existissem, embora muitas vezes se encontrem no terreiro, passando um junto ao outro. Assim, por vezes, passam-se duas horas ou mais até que a mulher vai à Casa dos Homens com o fim de cumprimentar o marido. Ela o faz ligeiramente, conforme o estilo prescrito, e depois se retira outra vez. Somente à noite, eles se sentam juntinhos na rêde e contam-se as novidades, acontecimentos, peripécias de viagens e "fofocas" da aldeia.

Para a saída oficial, viagens próprias, etc., assim como das visitas, usam-se despedidas do mesmo estilo. A fórmula é mais ou menos esta:

amoró!

ê!?

witádze!

mitienne? ou:

mitiénga?

ahá! witiádzoro!

ma! tógo!

Tradução:

Tu! Fúlano!

Sim?! Hein?!

Eu (já) vou!

Tu já vais?

Sim, já vou!

Sim, então vá!

Em geral segue-se ainda uma pequena conversação. A pessoa assim se despede de todos, um por um, também das mulheres, sem omitir a ninguém, o que seria considerado grande falta de educação. E com um último "hm! witádzpa!" Agora vou mesmo!, sai definitivamente.

3) NORMAS GERAIS PARA A CONDUTA DE VISITAS

A recepção e o cumprimento de visitas, em estilo e palavras, são idênticas às da recepção de qualquer outra pessoa que chega depois de uma demora mais prolongada. As visitas são cumprimentadas uma por uma, pelo pessoal da casa. O chefe ou o mais velho começa com as saudações. Devido à conversação que sempre há de seguir, estas cerimônias podem tornar-se demoradas, quando os visitantes são vários. As fórmulas iniciais de cumprimento são idênticas às da chegada. Há, todavia, uma série de prescrições a serem observadas da parte dos visitantes.

Nunca se faz visita, chegando sujo ou suado na aldeia. Em pouca distância dela ou mesmo no pôrto da casa, toma-se primeiro um banho, passa-se urucu no corpo, penteia-se bem o cabelo, faz-se a pintura do rosto, põe-se tanga e braçadeiras, jarreteiras, boas e novas, etc. Com uma palavra, antes de entrar no terreiro, a gente "se alinha" para fazer boa impressão. Isto vale tanto para visitantes forasteiros como para a chegada do próprio pessoal da casa, depois de uma ausência prolongada e, por isso, recebido igualmente como "visitante".

Indo-se em visita à outra maloca, de parentes ou amigos, e chegando de dia, não se vai à casa dêles imediatamente. Numa distância de uns 10 a 15 minutos a pé da aldeia, amarra-se a rêde na mata, perto de um igarapé, dorme-se e descansa-se durante o resto do dia. À tardinha, o pessoal alinha-se. E um pouquinho antes do pôr do sol, pelas 5 e meia da tarde, afinal, entra-se na aldeia.

Sendo pessoa da própria casa que volta depois de uma ausência maior, não precisa esperar até a noite. Pode entrar em casa depois de se ter alinhado. Mas antes, na bôca do terreiro, dá um sinal de aviso que é, as mais das vêzes, um assobio de anta.

Se fôr um grupo inteiro da mesma aldeia que volta, embora trazendo um ou dois hóspedes, também não precisa esperar até a noite. Toma-se banho, etc. Na entrada há, porém, um pequeno cerimonial. Enquanto o mais velho da turma vai adiante, sozinho, os outros ainda se demoram um pouco no caminho e só avançam conforme os sinais de aviso. Disseram-nos que isso é necessário para informar o chefe da aldeia, para que se amarrem os cachorros brabos e para dar tempo às mulheres a fim de prepararem a necessária bebida ou merenda.

No caso de uma família inteira ir em visita a uma aldeia amiga ou bem conhecida, as mulheres e crianças pequenas se dirigem logo à *worêdz-kwámame*, à Casa das Mulheres, enquanto os homens e os meninos crescidos vão à *toto-kwámame*, à Casa dos Homens, onde cada grupo, por sua vez, é cumprimentado⁽⁴⁾. E enquanto as mulheres da casa vão cumprimentar os homens recém-chegados logo

depois da saudação oficial por parte dos homens (já por causa da bebida que elas devem oferecer), os homens da aldeia só mais tarde vão ligeiramente à Casa das Mulheres cumprimentar as mulheres recém-vindas. O oferecimento de refrescos ou merendas compete à dona da casa, ajudada pelas outras.

Se os visitantes são estranhos e vêm a primeira vez à maloca, não conhecendo ali ninguém, em geral dão um sinal, um assobio, por exemplo, para despertar a atenção do pessoal da casa. Na boca da estrada, junto ao terreiro, o chefe ou mais velho da casa espera-os para guiá-los e para afastar os cachorros. As mulheres logo são despachadas para a *worédz-kwámáne* e ali entregues aos cuidados das mulheres da aldeia que lhes oferecem uma esteira de estôpa, feita de casca batida de castanheira. Os homens são levados à *toto-kwámáne* onde, por sua vez, lhes são oferecidos banquinhos ou outros assentos para descansar e onde, depois, ficarão instalados. Segue-se, então, o cumprimento de estilo por parte dos outros no modo já anteriormente descrito.

Estando-se na aldeia de um grupo do qual se tinha pouco contato, a visita toma um caráter mais cerimonioso e formal. Não se dorme na primeira noite, nem se amarra a rede. Durante toda a noite conversa-se sentado, junto ao fogo brando. Para não cochilar — o que seria contra o bom-tom! —, usa-se do seguinte meio: O visitante se senta de pernas estendidas, um pé sobre o outro de forma que o calcanhar de um descansa sobre os dedos do outro. Isso tem como bom resultado de manter a pessoa acordada; pois cochilando, instantaneamente o pé escorrega e bate no chão. A pessoa se assusta e acorda.

É, sem dúvida, por este mesmo motivo que o visitante entra somente à noite na aldeia, dormindo de dia na mata, — para não dormir durante a conversação oficial da noite.

Se a visita demora poucos dias, ela vive às expensas da casa. Mas se demorar mais tempo ou até semanas, a delicadeza exige que os visitantes ajudem à casa, isto é: as mulheres na cozinha e roça, os homens na caça e pesca. Para evitar incômodos aos hospedeiros ou mesmo para evitar pequenas encrencas entre as mulheres, às vezes usam do sistema da cozinha ou até da casa separada. No primeiro caso, somente a comida é separada, embora não de um modo absoluto, pois eles se ajudam uns aos outros; em geral, mandam levar todo o alimento preparado para a mesa comum, oferecendo depois uns aos outros o produto da própria cozinha. No segundo caso, faz-se um *tapiri* próprio na capoeira ou na mata, mas perto da maloca, onde se vive durante os dias ou as semanas de visita.

A despedida das visitas obedece ao modo já mencionado das saídas em geral. Os hospedeiros, nesta ocasião, sempre oferecem frutas, etc., para a viagem dos visitantes.

III. O CERIMONIAL DAS REFEIÇÕES

O índio gosta de alimentar-se bem. Estando em casa, quase o dia inteiro fica mastigando qualquer coisa. Nem por isso deixa de possuir um certo horário para as refeições e merendas na sua vida regular. É mais ou menos êste:

- às 6h.: o quebra-jejum, consistindo em alguma coisa quente, especialmente mingau de bananas.
- às 8h.: o almoço. São vários pratos de carne ou peixe com beiju. Raras vêzes põe-se sobremesa, banana, etc. Nunca, porém, falta um *yáukuru*, uma bebida.
- às 13h.: merenda; cará ou batata doce cozida, com beiju; ou também frutas: mamão, bananas, etc.
- às 15h.: refrêsko; bebida de banana, ou cará peneirados ou desmanchados em água fria. Quando tem, oferece vinho de frutas de palmeiras, açai, patauí, bacaba, miriti, etc.
- às 17h.: o jantar; outra vez, pratos de carne ou peixe com beiju, como no almoço.
- às 19h.: mais um refrêsko, uma bebida qualquer: vinho de frutas, garapa, tarubá, etc.

Nos intervalos, comem-se ainda frutas, especialmente mamão e bananas, que quase nunca faltam em casa, ou algumas guloseimas como ovos de tracajá, de camaleão ou de jacaré, etc.

Êste horário vale para os dias de sua vida normal, dentro da aldeia. Os que vão à caça só tomam o quebra-jejum de mingau e tomam suas refeições mais tarde, quando voltam. Nas viagens, o horário e o número das refeições depende, naturalmente, das ocasiões e da quantidade de comida que se tem à disposição.

Quanto à própria comida, os índios fazem uma certa distinção entre refeição, ou seja "bóia" e "merenda". *Awámano*, a "bóia", só é servida no almoço e jantar, e compreende carne e peixe, com os respectivos caldos, e beiju. Outras coisas não valem como "*awáno*". Por isso, quase nunca se põe cará, macaxeira e batata doce na hora das refeições principais. Não são considerados "bóia".

As comidas *kaxúyana* são boas, sadias, bem preparadas, até gostosas, e servidas também com bastante higiene. Quando há suficiente, fazem pratos de várias qualidades e formas. Nos dias bons, de fartura, servem carnes e peixes cozidos, assados na brasa e moqueados. E mais ainda, panelas com caldo, muitas vêzes preparados com leite de castanha. Só quem não sabe do gôsto despreza um mutum ou jabuti cozido em leite de castanha, umas costeletas de caititu assadas sôbre a brasa ou um quarto de porco quei-

xada, moqueado no couro! E o inevitável acompanhamento é o “pão de cada dia”, o beiju de várias qualidades.

Na mesa põe-se de tudo que se tem em casa. É um sinal da liberalidade do dono da casa para com o seu pessoal e seus hóspedes. Ter fama de ser mesquinho, avarento ou “sovino na bóia” é uma coisa que o índio quer evitar a todo o custo. Imputar a alguém este defeito seria a pior informação que se pode dar entre eles. De fato, a hospitalidade é, talvez, a sua mais bela virtude.

A mesa para as refeições é o chão, mas bem limpo e varrido. Nos dias bonitos come-se ao ar livre, atrás das casas, na sombra. Quando chove, prepara-se a mesa dentro da casa.

O lugar da refeição é, para os homens, atrás da *toto-kwámame*; para as mulheres atrás da casa delas, a *worédz-kwámame*, pois na vida pública, homens e mulheres comem separadamente. Em geral é a mulher do chefe, ajudada por outras, quem prepara a mesa. Ela traz as panelas com as comidas e põe os pratos para cada um⁽⁵⁾. As várias qualidades de carne e peixe sempre vêm separadas, não misturadas. Os beijus são colocados em cima de trançados de palha (*kahádze, puyúru*), nunca diretamente no chão. Tudo pronto, ela avisa o dono da casa para fazer os convites.

No tipo das refeições pode-se fazer uma distinção entre a refeição oficial ou cerimonial dos homens (na qual, portanto, só participam os homens) e a refeição da família nuclear, tomada em ambiente ou círculo estritamente familiar.

A refeição dos homens obedece a um determinado regulamento. A primeira coisa a ser observada é que só vai à mesa quem fôr convidado. Quem faz o convite, é o dono da casa, o *plá-itóno*, ou seu substituto. Às vezes, é o dono da caça, quando já alcançou posição de destaque, possuindo caçador próprio (genro, filhos, etc.).

Cada pessoa é convidada particularmente, uma por uma, e deve responder ao convite com o “*é*” e “*wuí*” de costume. A fórmula de convite é mais ou menos assim:

amoró!
é!?
okarkáre!
wuí!

Tu! Fulano!
Eh! Sim?!
Vamos comer!
Sim! Obrigadol!

Em vez do simples *okarkáre* também pode-se dizer: *gulme ogútpo!*, que tem o mesmo sentido; ou ainda: *okarkáre ohkó!* Venha, vamos comer!

Depois desta chamada, espera-se ainda uns poucos minutos. Não se vai imediatamente à mesa para não deixar nos outros a impressão de que se está com imensa fome. Continua-se ainda por algum tempo com o trabalhinho que se estava fazendo, fingindo não ter pressa.

Passados uns minutos, a pessoa vai e senta-se à mesa em seu lugar. A visita indicam, geralmente, o lugar na ocasião da primeira refeição. Observam, nesta ocasião, as condições de idade quando se trata de membros da mesma família, do grau de parentesco em relação com a família da casa, quando são tios maternos, primos, etc., ou, ainda do *status* da pessoa dentro da sociedade.

Mesmo assim, já sentado, não se come logo. Espera-se o convite definitivo que é feito *singulatim* pelo dono da casa ou da mesa e pelo qual se deve agradecer, novamente, com o já conhecido “*wui*”. Desta maneira:

amoró!
ê?!
moró!
wui!

Tu! Fulano!
Eh?! Sim?!
É esta (a comida)! Está ali (a comida)!
Obrigado! Sim!

Moró, literalmente, quer dizer: “é esta” ou “está ali”. Deve-se subentender o complemento: “refeição” ou “comida que tenho que oferecer”. *Moró* corresponde ao nosso “Sirva-se”.

Durante a refeição, o dono da mesa repete duas ou três vezes este convite ao qual, um por um, deve agradecer com: “*wui*” (6).

Durante a refeição cada um pode tirar e comer quanto quiser. Tira-se e come-se com os dedos. Porém, é contra o bom-tom meter a mão juntamente com outro na mesma panela ou rasgar ao mesmo tempo um pedaço do beiju. Evitam-se estas coisas para não dar a impressão de que se quer tirar ao outro um bom e apetitoso bocado. Também não se enche a boca de comida, mas tira-se um pedaço pequeno de carne, peixe ou beiju para metê-lo na boca. Mastiga-se bem e demoradamente.

Se alguém se engasga, então se vira para o lado de fora para não ficar tossindo por cima das panelas e dos pratos dos outros. Sendo necessário, êle se levanta e se afasta um pouco para o lado para tossir, cuspir e se desengasgar à vontade.

Muitas vezes (mas não regularmente), a mulher de quem matou a caça, traz um prato em particular e o oferece ao marido. Este aceita, tira um pouco e o põe no meio das outras comidas, passando-o assim para o proveito da comunidade. Esta formalidade é simplesmente um gesto, pois o prato não se distingue em nada das outras comidas que estão na mesa.

Satisfeita a fome, a pessoa pode levantar-se sem precisar esperar pelos outros. Antes de se afastar definitivamente da mesa, junta os ossos e espinhas de peixe, põe tudo no prato e leva-o à beira do terreiro, onde os detritos são jogados aos cachorros que logo, brigando e se mordendo, dão conta deles. Voltando, põe-se o prato no lugar e deixa-o ali. Mais tarde, as mulheres tomam conta da lavagem dos pratos e da arrumação da mesa.

Em seguida lavam-se as mãos numa cuia com água que sempre está ali perto para este fim e nunca falta na arrumação da mesa. Um pouco adiante fica outra cuia grande com bebida de frutas, cará, tucupi ou mandioca. Raras vezes é que põem simplesmente água. Bebe-se quanto se quiser. E depois, coloca-se a cuia no mesmo lugar ou passa-a adiante, caso houver alguém esperando por ela. Por último, vai o agradecimento pela refeição. Se diz: *Náne!*... quer dizer "Chegou" ou "Estou satisfeito", o que da parte do dono da mesa é respondido com um ainável: "*wuí*".

Acabada a refeição, depois de todos terem tomado o seu "*yáukuru*", a bebida, e agradecido com o "*náne*", o chefe da mesa chama a mulher para tirar a mesa, levar as panelas e os pratos e para limpar o lugar de alguns ossos ou espinhas restantes, para ninguém ferir os pés. Ele diz:

püike!
ðu?!
tsórol
ê!

Minha mulherzinha!
Sim?!
Aqui está (o vasilhame, etc.)!
Sim! Está bem!

Se a mulher não estiver, ele chama a mãe ou a irmã mais velha para fazer este serviço. E assim, termina oficialmente a refeição.

As mulheres, como já anotamos, comem atrás da *worédz-kwámane*, a saber na segunda mesa, depois da refeição dos homens. Naturalmente, guardam sempre o suficiente para a sua refeição. Quanto pudemos observar, não existe este cerimonial de chamadas na hora da mesa das mulheres.

As crianças comem sempre com as mulheres. Somente os meninos mais crescidos comem com os homens. Mas acontece, às vezes, que um dos pequerruchos faz questão de comer ao lado de seu pai. Neste caso, ninguém faz objeção de lhe ceder um lugarzinho. As meninas, porém, nunca comem na roda dos homens.

Notável é o comportamento do dono da mesa durante a refeição. Nas refeições de estilo, isto é, quando a maior parte dos homens está presente ou quando há visita na aldeia, ele não toma parte. Senta-se ao lado dos outros um pouco afastado e observa, faz os respectivos convites manda trazer mais carne, beiju ou o que faltar e faz a conversação. Geralmente, ele tem uma vara comprida na mão para manter afastados os cachorros, eternamente famintos que, às vezes, podem-se tornar incômodos. Pois roubam com um jeito todo ladino a comida até do prato. Acabado o "banquete", também o chefe vai comer, separadamente, ou na cozinha, na *worédz-kwámane*, ou num dos jirais atrás da casa das mulheres que servem de mesa de cozinha. Em si, é este um traço muito atraente e expressivo do caráter hospitaleiro do índio karib. Primeiro, serve aos hóspedes e ao pessoal da casa. Ele, o dono da

casa, come depois os restos! Mas é visto que êle não perde nada; pois *püike*, a “mulherzinha”, guarda um bom bocado para seu maridinho.

Em círculo todo familiar, quando não há mesa oficial, o índio dispensa dêsse cerimonial e a mulher e os filhos comem junto com o marido ou o pai. Assim, por exemplo, quando a família estritamente dita (família nuclear) está só em casa, em viagens, etc.

Acontece freqüentemente de alguém chegar atrasado da caça, já depois do jantar dos outros. Se fôr o dono ou filho da casa, comumente êle come na cozinha ou num dos jiraus atrás dela. Se fôr parente, primo, etc., ou até pessoa de visita, chama-se a mulher ou dona da casa para arrumar a mesa separada, na casa dos homens.

Mais simples, embora também com certa formalidade, fazem a oferta das merendas. Já ficou mencionado, quais os alimentos e a hora aproximada dos mesmos.

Observa-se o seguinte:

Nunca os alimentos (cará, frutas, etc.) são oferecidos trazendo-os na mão. São colocados em cima de um abano limpo ou nôvo ou outro trançado apropriado, ou ainda um prato de barro. Entregando-os sem estas espécies de “bandeja”, mostra ou grande familiaridade e intimidade com a pessoa ou um caso de emergência em que não se tenha bandeja à mão, coisa que raramente acontece.

Quando oferece a merenda, a mulher diz: *tsóro!*... Aqui está!, subentendendo-se: para seu uso ou proveito. Aceita-se, agradecendo com: *wui!* O beneficiado coloca as oferendas no chão, junto de si, mas não come logo. Espera um pouco para não mostrar que está com fome.

Tratando-se de bebidas, as mulheres trazem-nas em cuias. Aceita-se o refrêso com: *wui!*, e bebe-se à vontade. Quando a cuia é grande, de forma que se nota que a bebida foi calculada para várias pessoas, passa-se a cuia adiante, depois de ter bebido.

Pode-se pedir também bebida a qualquer hora. É, então, costume de oferecê-la também aos outros, ao vizinho, perguntando: *itxê-ka-mána?*... Queres?... Equivale ao nosso: Está servido? Porém não se faz esta oferta antes, e sim depois de já ter bebido alguns goles.

Depois dessas merendas, cada qual leva a cuia ou “bandeja” pessoalmente à cozinha para entregá-la à dona ou de quem a recebeu. Diz: *tsóro!*... Aqui está! Ou: *tsóro otxutxuine!*... Aqui está a tua cuial, o que da parte da mulher é aceito com o costumeiro: *wui!*

Resta indicar ainda alguns casos isolados.

Na chegada de visitas, o oferecimento e a aceitação das bebidas obedecem ao regulamento comum das merendas.

Se várias pessoas voltam juntas de uma caçada ou pequena viagem a mulher de cada um (ou, se não tiver mulher, e a mãe ou irmã mais velha) traz ao marido recém-chegado uma cuia com refresco. O marido toma, bebe e passa a cuia adiante. Os outros procedem da mesma forma. Assim, todos bebem várias vezes em seguida e o suficiente para matar a sede.

Quando há muito tarubá em casa (ou vinho de frutas, etc.), à noite, os homens sentam-se em roda e bebem até acabar com a bebida. Naturalmente, o estômago não agüenta tanta quantidade de líquido. É de bom tom beber muito e, depois de "estar cheio", afastar-se até a beira do terreiro, vomitar tudo e tornar a beber até outra descarga. Fazem isto com facilidade e frequência de forma que êstes vômitos se tornaram um quase-hábito adquirido que não lhes causa mal ou dor de estômago. Também nas festas usam dêste sistema de bebedeiras.

Arrotar nestas ocasiões é de etiquêta e é sinal de que está gostando e de boa disposição.

Um costume que quase nunca usam entre si e sim somente com forasteiros que não são de seu ambiente (por exemplo, caboclos que de tempos em tempos aparecem em suas malocas) é o de verificar se a pessoa tem nojo dêles ou se mostra descontente com o que lhe oferecem. São simplesmente provas e experiências que também em muitos viajantes que só ligeiramente se demoraram entre índios karib, deixaram a impressão de ser essa a vida ou comida real dos índios. Assim acontece que na hora do cumprimento ou mesmo na primeira refeição oferecem ao novato, cuja atitude ou conduta ainda não conhecem, bebidas ou comidas azedadas e um pouco deterioradas. Se o visitante achar o alimento ruim e não quer beber ou comer, ou toma somente muito pouco, julgam isso uma indelicadeza, arrogância e pretensão. Pensam que êle quer somente coisas boas, não quer conformar-se com o que tem ou compartilhar com a "pobreza" dêles. Por isso, sempre deve-se tomar uma ração suficiente, gostando ou não. Certo é que mais tarde aparecem as coisas melhores, os assados e moqueados.

Experimentam também a pessoa em muitas pequenas coisas da vida diária, comendo do prato dela, dando-lhe um pedaço de carne ou um osso do qual já comeram, oferecendo um tóco de cigarro todo babado ou fumando do próprio cigarro da pessoa, etc. Mas são simplesmente experiências para observar se a pessoa sente nojo dêles. Vendo que não se dá importância, acabam logo com isso.

IV. COSTUMES DE CONVIVÊNCIA

Boa parte do tempo não ocupado pelos serviços caseiros passa-se em conversação. Aí vale o seguinte: geralmente não se deve olhar para a face daquele com quem se está conversando, menos

ainda fixá-lo. Pelo contrário, a gente vira-se um pouco ou até inteiramente. Não é contra os bons costumes, dando ao companheiro de palestra as costas durante a conversação. Se fôr possível, a pessoa ocupa-se com qualquer coisa e se não tiver nada à mão, olha para as nuvens. Exteriormente, os parceiros devem-se portar, como se a conversa não fôsse da sua conta, mas... preste-se bem atenção. Deve-se intercalar muitos "ahá"... "Sim, está bem, está certo", etc., em sinal de que está atento e interessado na conversa.

Em tudo a pessoa deve prestar atenção e observar tudo que se passa em casa ou na maloca. Mas nunca se deve mostrar esta atitude ou deixar dar na vista que está observando. O índio também faz assim e supõe nos outros a mesma atitude. Vale aqui a palavra: observar, mas não reparar! Por isso, é inconveniente fixar as pessoas e seus movimentos, mais ainda quando se trata de mulheres, o que fãcilmente pode resultar em malentendidos e desconfianças.

Quando mostram alguma coisa e êste objeto passa de mão em mão para ser admirado ou inspecionado, devolve-se o mesmo àquêle de quem o recebeu. Mesmo estando o proprietário juntinho, não se entrega o objeto diretamente, que deve voltar pelo mesmo caminho até chegar ao seu dono.

Como já ficou mencionado, palavras obscenas como também conversas pesadas não são usadas no meio da comunidade ou diante das mulheres.

É também contra as boas maneiras soltar um "vento" na presença dos outros. Quando um menino se esquece, basta um olhar e a advertência em tom de censura: *pikó?*... Um gás! Ouvimos certa vez uma admoestação dessas em português, um tanto original: "Hm! Tu não tem vergonha de teu cu?" E, geralmente, o pequeno pecador se afasta. Sômente achando-se muito à vontade e familiarizado com a pessoa, êles se permitem uma coisa dessas.

Não é, porém, contra os bons costumes arrancar-se, quando se está sentindo cócegas ou comichão, mesmo nas nádegas ou debaixo da tanga.

Terminemos aqui a exposição do tema focalizado que é o "Código de Civilidade" *kaxúyana*. Naturalmente, poder-se-ia dizer muito mais, pois o campo das "boas maneiras" é vasto e se estende sôbre vários outros assuntos limítrofes, como já apontamos inicialmente. Pela explanação dos pontos selecionados se percebe, claramente, que o índio *kaxúyana* é um homem de bons modos e bastante educado. Hoje, isto é, quase 30 anos após estas observações, só uma parcela daquela vida cerimonial ainda persiste. A maior parte se perdeu no contato com a civilização cabocla, os castanheiros, caçadores de peles, etc. Nossa opinião é que todo êste tradicional "Código" reflete um nível cultural superior, existente

no passado, como a própria tradição kaxúyana o faz crer. Tivemos a sorte de apanhar (na década de 1940) estes últimos reflexos de atitudes culturais, antes de o grupo se extinguir por completo, — o que acontecerá, provavelmente, dentro de poucos decênios, devido à mesclagem e absorção por seus novos vizinhos, os índios tiriýó, com os quais convivem desde 1968. Pouco, então, restará da tradicional cultura kaxúyana.

PROTASIO FRIKEL

1 Tratamos aqui, especificamente, dos índios kaxúyana. Estes, de filiação karib, foram habitantes do médio Rio Trombetas e baixo Rio Cachorro, seu afluente pelo lado direito. Em 1968, o grupo mudou-se para o alto Paru do Oeste (Parque Nacional Indígena do Tumucumaque).

2 Sobre este último ponto já publicamos as notas principais. Vide Friel, Protásio. Sinais e Marcos de Orientação e Advertência Indígenas. *Revista de Antropologia*. São Paulo, 4 (2): 103-10, 1956.

3 É de notar que os homens, geralmente, não usam a depilação no sexo. Também não se depila mais a mulher considerada "velha", isto é, que já entrou na fase estéril da sua vida.

4 Mencionamos, por várias vezes, a "Casa dos Homens" chamada *toto-kwá-mane* e a "Casa das Mulheres", a *worêdz-kwá-mane*. São os lugares preferenciais de estadia e de trabalho dos homens e das mulheres respectivamente. Na "Casa das Mulheres", encontra-se também instalada a cozinha, com o depósito de panelas, etc. É difícil dizer qual era exatamente a função dessas duas casas dentro da estrutura social da tribo, visto que o grupo já era muito pequeno quando o conhecemos. Há indícios que parecem indicar certa autonomia ou independência na função dessas duas casas (*club-houses* para sociedades masculinas e femininas?), representantes de uma organização social, em que a orientação matrilinear tinha grande importância. Hoje, quase 30 anos após a tomada destas notas, não existe mais a divisão em "Casa dos Homens" e "Casa das Mulheres" e todas as famílias nucleares moram em casas individuais.

5 Quando conhecemos os kaxúyana, ainda estavam em uso pratos de barro de fabricação caseira. Hoje, eles empregam quase exclusivamente pratos esmaltados, importados pelos castanheiros ou adquiridos na "Missão Tiriós".

6 Estas formalidades são tomadas muito a sério. Como prova, anoto o seguinte fato: aconteceu na hora do jantar que, por um mero acaso, o chefe se esqueceu de fazer o segundo convite a um rapaz já sentado à mesa com os outros. A cada um, o chefe dirigiu o "moró" de costume. Esqueceu-se, porém, desse rapaz que ficou sentado no meio dos outros, olhando para o pôr-do-sol, enquanto todos já estavam comendo. Somente quando o dono da mesa notou a falta involuntária e apressadamente disse o *moró*, *munhó*, também aquele pegou no seu prato e comeu.